

Narrativa transmídia, ativismo e os múltiplos discursos dos protestos brasileiros de 2013

Resumo

O presente artigo tem como objetivo fazer uma leitura dos discursos presentes na notícia veiculada pelo Canal 9 – programa televisivo argentino – referente às opiniões do colunista Arnaldo Jabor, do *Jornal da Globo*, durante os protestos urbanos ocorridos no Brasil em junho de 2013. O programa, publicado no Youtube com o título “Rede Globo vira piada internacional”, evidencia as contrariedades do colunista. Mostra, a partir de conceitos de narrativa transmídia, imagens de manifestantes e compõe um mosaico de informações pertinentes para investigação na área da comunicação, especialmente na compreensão da opinião pública.

Palavras-chave: comunicação, jornalismo, narrativa transmídia, linguagem, discurso, opinião pública

Resumen

El presente artículo tiene como objetivo hacer una lectura de los discursos presentes en la noticia exhibida por el canal 9 – programa periodístico argentino – referente a las opiniones del columnista Arnaldo Jabor, del *Jornal da Globo*, durante las protestas urbanas ocurridas en Brasil en junio de 2013. El programa, publicado en YouTube bajo el título “Rede Globo se convierte en chiste internacional”, evidencia las contradicciones del columnista. Muestra, a partir de conceptos de narrativa transmedia, imágenes de manifestantes, un mosaico de informaciones pertinentes para investigación en el área de la comunicación, específicamente en la comprensión de la opinión pública.

Palabras clave: comunicación, periodismo, narrativa transmídia, lenguaje, discurso, opinión pública

Abstract

The current paper has as objective make a reading of the discourses present in the news displayed on Channel 9 - Argentine news program - concerning the views of the columnist Arnaldo Jabor, the *Jornal da Globo*, during urban protests occurred in Brazil in June 2013. The program published on YouTube under the title “international joke turns Rede Globo”, the disgruntled columnist evidence. Sample, from transmedia storytelling concepts, images of demonstrators and composes a mosaic of information relevant to research in the area of communication, specifically in understanding public opinion.

Keyword: communication, journalism, transmedia storytelling, language, discourse, public opinion



Elizabeth Gonçalves

Doutora em Comunicação Social, docente e coordenadora do programa de pós-graduação em Comunicação da UMESP. Editora da revista *Comunicação & Sociedade*.

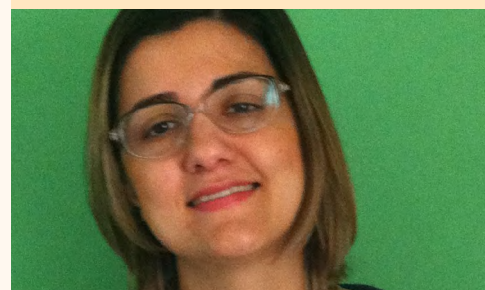
Correo:
bethmgoncalves@terra.com.br



Denis Renó

Jornalista, doutor em Comunicação Social e pós-doutor. Professor da UEPG e professor visitante da Universidade do Rosario.

Correo:
denis.porto.reno@gmail.com



Katarini Miguel

Jornalista, mestre em Comunicação pela UMESP e professora. Doutoranda em Comunicação Social na Umesp e bolsista CNPq.

Correo:
k-miguel@uol.com.br

Recibido: julio 2013
Aprobado: agosto 2013



Introdução

O Brasil vivenciou, em junho de 2013, um momento sociopolítico peculiar com diversos protestos urbanos tomando as ruas das principais cidades do país, reunindo um número significativo de pessoas que se organizaram e se planejaram pela Internet, por meio das redes digitais, evidenciando, na prática, um novo processo comunicacional - composto de um ativismo em rede e de uma narrativa transmídia - que resulta em múltiplos discursos.

E neste contexto das manifestações, um caso em especial e toda sua repercussão nos chamou a atenção: as declarações do colunista do Jornal da Globo, Arnaldo Jabor, inicialmente negativas e totalmente contrárias aos protestos que, em três dias, se converteram em apoio e elogios aos manifestantes e, com isso, a coluna foi usada pela emissora argentina Canal 9 como exemplo da incoerência do jornalismo contemporâneo, por conta de suas vinculações econômicas e políticas.

A partir deste fato, desenvolvemos uma pesquisa que busca entender o contexto dos protestos realizados no Brasil, recorrendo ao conceito do ativismo virtual e das multidões inteligentes (Rheingold, 2004; Cotarelo, 2010). Em um segundo momento, apresentamos as concepções de narrativa transmídia e seu impacto na sociabilidade, para então apresentarmos nosso material de pesquisa - o programa específico do Canal 9. Isso se justifica pelo fato do programa adotar imagens produzidas pelos cidadãos e distribuídas em redes sociais, além de produzirem eles mesmos um *comic* para informar aos telespectadores sobre a situação contraditória de Arnaldo Jabor. Todas essas características sustentam parte de uma narrativa transmídia. Em uma última parte, propusemos a leitura dos discursos presentes no programa - avaliando as falas tanto do colunista da rede Globo, como do próprio apresentador do programa em questão, entendendo a linguagem como interação social. Avaliamos, assim, os diferentes *ethos* (Maingueneau, 2005), ou seja, as formas de dizer que expressam uma maneira de ser, presentes nesta narrativa transmídia.

Protestos urbanos 2.0

Em junho de 2013 o Brasil presenciou protestos urbanos até então inéditos: mobilizados e organizados por redes digitais, sem líderes

definidos, produzindo uma narrativa transmidiática com repercussão mundial. Quase 80 milhões de pessoas pautavam os protestos no Brasil pela Internet entre os dias 12 e 17 de junho, gerando intenso debate político e acadêmico sobre o poder das redes e o espaço político que ela proporciona.

O anúncio, pela prefeitura da cidade de São Paulo, de reajuste na tarifa do transporte público de R\$3,00 para 3,20 a partir do começo do mês de junho causou grande indignação pelas redes digitais e culminou em um primeiro protesto presencial no dia 6 de junho, especificamente na cidade de São Paulo, reunindo dois mil jovens mobilizados pelo Movimento Passe Livre.

Sob a chancela de "não é apenas por 0,20 centavos" os protestos se expandiram, tomando as ruas de São Paulo e Rio de Janeiro quase que diariamente, chegando a reunir 50 mil pessoas na região central de São Paulo, no dia 18 de junho. Após seis protestos consecutivos, a prefeitura de São Paulo suspendeu o reajuste do transporte e, no Rio de Janeiro, a administração pública reduziu a tarifa de R\$ 2,95 para R\$ 2,75. Mas os protestos não pararam. As mobilizações já tinham se espalhado por mais de 80 cidades do país, e tiveram apoio internacional, com atos a favor dos manifestos no Brasil em países como Estados Unidos, Espanha, França, Portugal, Canadá, Argentina, Alemanha, Inglaterra, e até Irlanda, Áustria e Nova Zelândia, além da ampla cobertura dedicada ao tema na mídia internacional. A gama de reivindicações foi ampliada, com exigências das mais específicas às genéricas e abstratas como o fim da corrupção, melhorias na área da saúde, educação, transparência nos investimentos para a copa do mundo, fim do monopólio da comunicação.

Esses protestos urbanos 2.0, interativos, mobilizados pela rede, já tinham ocorrido em outros países, mais intensamente em 2011, com os movimentos da Primavera Árabe, os indignados na Espanha e o 'Occupy' que impactou Wall Street. Grandes mobilizações que lembram o conceito de 'multidões inteligentes' de Rheingold (2004). Trata-se de ações coletivas que ocorrem, reunindo um número significativo de pessoas, capazes de atuar conjuntamente ainda que não se conheçam, que se conectam e cooperam como nunca visto em outras épocas porque empregam sistemas informáticos e de telecomunicações, muitas vezes dispositivos como o próprio celular, que permite o acesso móvel e transmidiático. Mas Rheingold

(2004: 190) faz um alerta que a mesma tecnologia que pode ser usada como meio de resistência, serve como arma de controle social e terreno para novas formas de exploração e dominação. Para ele, é absurdo pressupor que as multidões inteligentes produzem só resultados positivos, mas o potencial negativo não pode esconder as capacidades (interessantes) dessas novas formas de ação coletiva. As manifestações no Brasil muito criticadas inicialmente pelo vandalismo, violência, posteriormente foram acusadas de totalitarismo, guinada à direita, para então serem taxadas de despolitizadas, promovidas por uma classe média oportunista, refletem os conflitos e posições divergentes inerentes ao processo político e a diversidade de públicos e opiniões que a internet consegue agregar. E tem a ver com o direito de comunicar de amplos setores da população, concomitante a era dos paradoxos (Becker, 2013); e ao mesmo tempo evidencia que não mais a sociedade civil organizada se mobiliza, mas os 'domínios do mundo da vida' (Bucci, 2013).

Entender os protestos urbanos 2.0 exige abarcar a complexidade de um processo sociopolítico, ao ineditismo das mobilizações em rede no Brasil, sem perder de vista a comunicação, as tecnologias e o discurso produzido neste âmbito. A maneira negativa como a mídia convencional recebeu os protestos inicialmente, foi substituída por um apoio um tanto incompreensível aos eventos – que pode ser explicado pela possibilidade de reverter o mote dos protestos e torná-lo uma estratégia de fragilização ao atual governo. Neste caso, o emblemático foi a declaração do colunista Arnaldo Jabor, do *Jornal da Globo*. Em sua crônica, no dia 12 de junho, se posicionou totalmente contra os protestos, com afirmações categóricas como: “No fundo tudo é uma imensa ignorância política. É burrice, misturada a um rancor, sem rumo”; “realmente esses revoltosos de classe média não valem nem 20 centavos”. Pois em 15 de junho, três dias após o primeiro pronunciamento, Jabor mudou radicalmente sua opinião: “de repente reapareceu o povo (...) uma juventude que nascia enquanto o Collor caía acordou, abriu os olhos e viu que temos democracia, mas uma república inoperante...”; “se tudo correr bem estamos vivendo um momento histórico lindo e novo”. As contradições foram alvo do programa *Bajada de Línea* da TV argentina, e se mostra como um importante produto a ser analisado, em sua concepção transmidiática e discursiva a respeito dos protestos.

Narrativa transmídia e o novo processo comunicacional

Os processos comunicacionais têm presenciado mudanças expressivas desde a chegada da internet, e especialmente depois do desenvolvimento da web 2.0, onde os processos participativos se afluíram. Neste novo cenário, produção e circulação de informações passaram a ser fundamentais na construção da opinião pública, assim como os atores comunicacionais, que agora são, de maneira ativa, os cidadãos de uma maneira geral. Agora “nós somos os meios”, como define Gillmor (2005). Para o autor, nossa participação nos processos midiáticos está aliada ao status de produtores, e não mais de receptores. Também, segundo o autor, presenciamos uma circulação de informação instantânea e a partir das redes de contatos (as redes sociais) de maneira viral. E defende que o jornalismo de amanhã será diferente do que temos até os dias de hoje. Ou melhor, até os dias de ontem.

Para compreendermos a evolução dos jornalistas de amanhã, precisamos entender as tecnologias que estão a torna-lo possível. As ferramentas do jornalismo participativo do futuro estão a evoluir rapidamente – tao depressa que, quando este livro chegar na fase de impressão, já terão aparecido outras. (Gillmor, 2005: 42)

Gillmor estava correto em sua preocupação sobre as mudanças, pois quando o livro foi lançado suas ferramentas eram obsoletas, e são ainda mais nos dias de hoje, onde o cidadão pode produzir (e produz) conteúdo desde seus próprios dispositivos e publica os mesmos em seus espaços midiáticos. Mais do que isso: agora os cidadãos se organizam naturalmente em redes sociais para a produção de conteúdos e a circulação dos mesmos, o que representa uma angústia aos jornalistas mais apegados ao conhecido quarto poder e à possibilidade de construção da opinião pública de maneira unidirecional.

Porém, as mudanças foram ainda maiores que as esperadas por Gillmor. Agora a sociedade tem em suas mãos uma nova linguagem narrativa, que de alguma maneira se ajusta ao comportamento líquido (Bauman, 2001) contemporâneo. Uma linguagem que traduz os anseios sociais de participação, reconstrução e circulação de mensagens e que oferece, por uma também decisão social, recursos de conexão por redes e a

A aplicação da narrativa transmídia em alguns casos da construção da opinião pública ocorre naturalmente e com o aproveitamento da mesma por jornalistas. Um dos acontecimentos registrados foi a passagem do furacão Sandy pela costa este dos Estados Unidos, especialmente Nova Iorque e Nova Jersey.

partir de dispositivos tecnológicos que atendem a uma mobilidade almejada: a narrativa transmídia, que modifica expressivamente os velhos modelos de linguagem existentes na história humana. Por outro lado, a narrativa transmídia é a fiel tradução de como pensamos, de como agimos, de como sonhamos, de como nos comunicamos. A narrativa transmídia é uma representação do corpo humano. E por quê? Porque nosso corpo humano é multiplataforma, com cada mensagem funcionando independente das outras, mas interligadas, como funcionam os discursos transmídia. Também somos móveis, ou seja, atendemos ao quesito mobilidade de dispositivos, e por fim nos relacionamos por redes sociais internamente. Segundo Manuel Castells (1999), uma rede social é a reunião de atores que possuem o mesmo interesse. Em nosso corpo, os órgãos possuem o mesmo interesse (manter nosso corpo em funcionamento), ainda que sejam distintos em suas tarefas específicas.

Narrativa transmídia é uma linguagem que proporciona uma construção de mensagens fragmentadas em ambientes multiplataformas, por meios distintos, independentes, relacionados entre si, e que por uma capacidade de expansão por estruturas hiperemídia oferecem uma navegabilidade acompanhada de experiência lúdica. Ao mesmo tempo, apresenta uma conexão por redes sociais e ocupa um espaço em dispositivos móveis (Renó y Flores, 2012).

A aplicação da narrativa transmídia em alguns casos da construção da opinião pública ocorre naturalmente e com o aproveitamento da mesma por jornalistas. Um dos acontecimentos registrados foi a passagem do furacão *Sandy* pela costa leste dos Estados Unidos, especialmente Nova Iorque e Nova Jersey. Nesse caso, além de um

fenômeno registrado pelo Corpo de Bombeiros da cidade de Nova Iorque que constatou uma superior solicitação de socorro por Twitter em substituição ao telefone, as pessoas passaram a publicar pelo geo-localizador Foursquare fotos das ruas da cidade, confirmando em tempo real o que ocorria.

Para envolver os leitores, o jornal *The New York Times* criou um mapa interativo de Nova Iorque – A map of reader's photo of Hurricane Sandy (<http://www.nytimes.com/interactive/2012/10/30/nyregion/hurricane-sandy-reader-photo-map.html>) especialmente sobre a ilha de Manhattan (mas não se limitando a esse pedaço de terra) com pontos onde o usuário clicava e recebia informações sobre o que acontecia naquela localidade.

Levinson (2012) apresenta o Foursquare como uma ferramenta contemporânea onde as pessoas se localizam automaticamente, e tal possibilidade de produzir conteúdo midiático também é uma característica da narrativa transmídia, e representa um potencial expressivo para o jornalismo transmídia, inclusive por sua facilidade de manuseio e sua credibilidade na publicação, ainda que seja passível de falsificações de localização. Além disso, a adoção de mapas interativos é uma possibilidade da narrativa transmídia que oferece facilidade de leitura e exercício lúdico no consumo da informação. Dessa maneira, o processo de acessibilidade passa a ser uma maneira de diversão, além da notícia em si, alcançando uma diversidade de *target*.

Mas a narrativa transmídia também molda uma nova maneira de construção de discursos para fortalecer ou posicionar a opinião pública. Dentre as diversas maneiras de linguagens para a narrativa transmídia encontramos o *comic*, definido por Carlos Scolari (2013) como o produto comunicacional onde o público fala o que o produtor não teve coragem de falar. Nesse caso, alguns programas de conteúdo jornalístico têm adotado o *comic* como ferramenta de linguagem para a construção ou posicionamento da opinião pública, e tais discursos midiáticos ganham força nas redes sociais pelos próprios cidadãos. Trata-se de uma reconstrução da conduta e da técnica de narrativas jornalísticas para “adotar o mesmo idioma” do cidadão. Marques de Melo (1985) defende o conteúdo jornalístico de humor que fortalece ou posiciona a opinião pública como

jornalismo caricato, o que valida essa forma de construção da discussão jornalística.

Com esses critérios, a rede de televisão argentina Canal 9 (<http://www.canal9.com.ar/>) produziu no programa jornalístico Bajada de Línea1 um vídeo (<http://www.youtube.com/watch?v=cv1OXg9u9wU>) criticando duas declarações opinativas de Arnaldo Jabor no Jornal da Globo. Jabor, em um intervalo de dois dias, modificou drasticamente sua opinião sobre os protestos, tentando, no segundo discurso, construir uma opinião pública contra o governo Dilma. Porém, o canal 92 realizou um comic sobre essa “diversidade” de opiniões que oferecia um novo diálogo a partir de duas telas simultâneas que revezavam a palavra para mostrar um terceiro discurso a partir dos dois originais. Além disso, o comic apresentava trechos de vídeos produzidos pelos próprios cidadãos durante os protestos, como a expulsão da equipe do jornalista da Rede Globo, Caco Barcellos, do local.

O vídeo ganhou força nas redes sociais, e em cada compartilhamento uma nova leitura da atitude global, além de novos comentários que reconstruíam a mensagem pouco a pouco. No dia 7 de julho de 2013, uma das publicações alcançava 62.109 compartilhamentos por Facebook. Porém, isso não significa que a visulização tenha sido somente essa, o que seguramente não foi. Resta compreender quais as ambições discursivas dos vídeos originais da Rede Globo com os comentários do Jabor e qual a construção da opinião pública pelo *comic* oferecido pelo Canal 9. Uma coisa é certa: a governabilidade midiática agora é combatida por uma desgovernabilidade que Renó (2013) defende ser proveniente da adoção de uma narrativa transmídia pelos cidadãos contemporâneos.

Subsídios para uma leitura dos discursos

Abordar o discurso como o lugar da confluência entre os aspectos ideológicos, históricos e socioculturais implica em entender a linguagem não como um simples instrumento de

comunicação, mas como elemento de interação social, haja vista que uma das leis que caracterizam o discurso segundo Ducrot (1981) é a de que há sempre uma intenção subjacente ao ato de tomar a palavra. Portanto, o conhecimento das manobras linguísticas, das estratégias persuasivas, contribui para a formação de um leitor (ou interlocutor) mais crítico e mais participativo, consciente de que a mensagem recebida não é senão um dos vieses possíveis de serem elaborados e de que existe um objetivo ou uma intenção ao se dizer uma coisa e não outra ou ao se dizer de determinada forma e não de outra, ou ainda, ao se escolher o que dizer e o que deixar de dizer. “Assim, aprimorar-se no estudo da linguagem como fator de interação social, significa capacitar-se para atuar socialmente como profissional e como cidadão, reconhecendo que nas mensagens há muito além do que é dito explicitamente” (Gonçalves, 2012: 14).

Quando se aborda o processo comunicacional há se considerar a opacidade da linguagem e do próprio processo que exige dos interlocutores uma habilidade de ler para além do dito e um conhecimento de mundo compartilhado. Muitas vezes o silêncio é pertinente, pois, a escolha do que não dizer é ideologicamente tão significativa quanto as palavras explicitadas, portanto, trata-se de um silêncio que não é simplesmente um calar:

O homem está ‘condenado’ a significar. Com ou sem palavras, diante do mundo há uma injunção à ‘interpretação’: tudo tem que fazer sentido (qualquer que ele seja). O homem está irremediavelmente constituído pela sua relação com o simbólico. (...) O silêncio não está disponível à visibilidade, não é diretamente observável. Ele passa pelas palavras (Orlandi, 1993: 31-34).

No ambiente da informação e da comunicação social pelos meios há que se observar que as condições de produção e de recepção, assim como as características do suporte influenciam na elaboração da mensagem, o que implica em processos comunicacionais diferenciados, dependendo dos elementos envolvidos. Segundo Charaudeau (2003: 11) os meios constituem suportes institucionais que integram diversas lógicas: a econômica, a tecnológica e a simbólica. Dessa forma, os interesses econômicos da empresa de comunicação, as condições tecnológicas para produção, circulação e recepção das mensagens são condicionantes diretos da composição simbólica, da maneira de dizer e de envolver os

1 O programa Bajada de Línea é um noticiário jornalístico de caráter investigativo e apresentado por Victor Hugo Morales. Tem como preocupação principal desenvolver uma análise crítica dos programas jornalísticos.

2 O Canal 9 é uma emissora de televisão argentina. Fundada em 1960, é a primeira emissora privada do país.

interlocutores. Nesse sentido a comunicação pelas redes sociais digitais apresenta-se mais solta dos acordos econômicos empresariais, domina uma tecnologia que propicia a participação e a interação social efetiva e por isso, apresenta uma lógica simbólica diferenciada dos meios de comunicação tradicionais.

Segundo Pêcheux (1975), o discurso não surge no vazio, mas remete à formação discursiva que o originou e que é marcada por uma ideologia ali embutida. Na origem do processo há uma formação discursiva permitindo as condições de sua existência. Assim, os textos constituem-se em um todo heterogêneo e complexo, a partir do momento em que sofrem interferências diversas de sujeitos e do meio. Por isso é que alguns textos congregam certos enunciados, de certas maneiras, e outros não. Nesse contexto da ideologia e da intencionalidade discursiva, Pêcheux estabelece o que conhecemos como o jogo das imagens, responsável pela elaboração do discurso: “[...] o que funciona nos processos discursivos é uma série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro” (Pêcheux, 2010: 81).

A fala traduz o *ethos* do indivíduo, sua maneira de ver o mundo e de avaliar os acontecimentos relatados, ainda que não fale de si próprio. Maingueneau (2005: 71) explica que:

Se o *ethos* está crucialmente ligado ao ato de enunciação, não se pode ignorar, entretanto, que o público constrói representações do *ethos* do enunciador antes mesmo que ele fale. Parece, pois, necessário estabelecer uma primeira distinção entre *ethos discursivo* e *ethos pré-discursivo*.

No caso do vídeo selecionado para este estudo temos dos discursos da rede globo, representada pelo comentarista do telejornal Jornal da Globo, Arnaldo Jabor, e os discursos construídos pela rede de TV Argentina, canal 9, no programa *Bajada de línea*, que edita as falas de Jabor, comenta e acrescenta cenas não mostradas pela Rede Globo.

Uma leitura dos discursos

Primeiramente temos acesso aos discursos de Arnaldo Jabor no Jornal da Globo, telejornal noturno brasileiro produzido pela Rede Globo e exibido no fim de noite, mas sem horário fixo

de transmissão (<http://g1.globo.com/jornal-da-globo/>).

Comentarista respeitado na televisão brasileira, Jabor tem um vasto currículo como jornalista e escritor, além de cineasta, roteirista, diretor de cinema e TV, produtor cinematográfico, dramaturgo e crítico. Pela autoridade que a função lhe confere, Jabor desenvolve um discurso autoritário, dono da verdade, o *ethos* do justiceiro. Em frases curtas, quase telegráficas, expõe sua indignação acompanhada de gestos igualmente fortes e autoritários: o dedo indicador em riste, olhar direto para a câmera, como se falasse diretamente ao telespectador, de quem busca a adesão às ideias expostas. Uma frase de impacto, com interjeição a cada ideia apresentada: “Não pode ser por causa de 20 centavos!”. “Ali não havia pobres que precisavam daqueles vinténs, não” (observe a repetição da negativa no final da frase). “No fundo tudo é uma imensa ignorância política”. “É burrice misturada a um rancor sem rumos”. “Mas aqui? Se vingam do quê?”.

Os episódios acontecidos na Turquia, dias antes, levaram Jabor a associar as manifestações brasileiras, ou melhor, paulistas, naquele momento, aos protestos de Istambul, que começaram pela defesa do parque Gezi e só mais tarde transformaram-se em manifestações contra o regime turco: “Há talvez a influência da luta na Turquia, justa e importante, contra o islamismo fanático”.

Na primeira fala, avalia o movimento popular como uma manifestação de “ódio violento contra a cidade”. Vê-se que o foco da sua avaliação está centrado no vandalismo e na agressividade: “policiais apedrejados”; “coquetéis molotov”. Os manifestantes, segundo ele, são “filhos da classe média”, portanto não seriam afetados pelo aumento de 20 centavos nas tarifas de ônibus. Aliás, o comentarista julga tão pequena a importância de 20 centavos que utiliza a expressão para subestimar os manifestantes “eles não valem 20 centavos”.

As manifestações espalharam-se pelas grandes capitais do país e tiveram a adesão não apenas dos jovens, mas dos cidadãos de todas as idades, e passaram a expor uma ampla pauta de reivindicações sociais e não apenas o “passe livre” para o transporte público. Arnaldo Jabor volta no seu comentário, no mesmo telejornal, dizendo

que errou na sua avaliação do movimento: “À primeira vista este movimento parecia uma pequena provocação inútil que muitos criticavam erradamente, inclusive eu”. Com o mesmo tom autoritário, agora assume um *ethos* de arrependimento pelo erro cometido. Mas o erro não tira sua autoridade, afinal parece reforçar a ideia de que reconhecer o erro em público é uma atitude nobre, o que só o fortalece. Por isso, mesmo a postura corporal, embora agora minimizada de gestos fortes e expressões sérias, continua contundente.

Os “filhos da classe média”, “os caras”, “os revoltosos” agora são os “jovens”, a “juventude que nascia quando Collor caía”, “juventude que acordou, abriu os olhos”. O movimento anarquista, desorganizado e inútil agora é responsável por “um momento histórico lindo e novo”.

Mas esta mudança de postura da mídia não é algo inédito no Brasil. Segundo Magali Cunha (2013, on line):

Que as mídias no Brasil, propriedades das famosas 10 famílias pertencentes à classe que sempre predominou no poder no País e de uma igreja pentecostal baseada princípios empresariais, nunca trabalharam para legitimar e fortalecer movimentos sociais, é fato amplamente conhecido e estudado, e quando forçadas pela pressão popular acabam se rendendo ao que é mais do que evidente.

Foi o que aconteceu em movimentos populares que grandes proporções como a campanha das Diretas já em 1984 e as manifestações que culminaram no *impeachment* do Presidente Fernando Collor de Mello, em 1992. As primeiras manifestações foram desconsideradas pela grande mídia, até que a efervescência dos movimentos e as grandes proporções de pessoas nas ruas levam a mídia a prestar atenção e dar outro tratamento à temática.

Retomando o discurso de Jabor, observamos que ele associa estas manifestações às grandes concentrações, acima citadas (1984 e 1992): “O Brasil parecia desabitado politicamente. De repente, reapareceu o povo. De repente o Brasil virou um mar”. Dessa forma, não leva em consideração muitas conquistas das minorias no país: um país cujos principais cargos políticos são ocupados por mulheres, um país em que o

Movimento dos Sem terra (MST) que trouxe à pauta a questão agrária, em que as etnias indígenas reivindicam suas terras, em que a população sem teto busca dignidade de moradia nas comunidades mais carentes, em que homofobia é atacada e a comunidade homossexual conquista seus direitos, em que o pobre e o negro têm mais acesso à educação. Enfim, são muitas as conquistas sociais, frutos de reivindicações, de um povo que não estava adormecido.

Em apoio aos jovens, o comentarista se insere como alguém que faz parte do contexto de insatisfação: “Os jovens despertaram por que ninguém aguenta mais ver a república paralisada por interesses partidários ou privados”. Mas, termina seu discurso alertando para “a tentação à violência e o vazio”, ou seja, o movimento poderá mesmo ser inútil, como ele tinha previsto, caso a violência domine ou então caia no vazio como já lembrou no próprio discurso: “Entre nós quase tudo terminava ou em pizza ou em paralisia entre os 3 poderes”.

Esta mudança de postura, evidenciada por Arnaldo Jabor, no Jornal da Globo, chama a atenção da TV argentina, canal 9. Trata-se de uma oportunidade de criticar a mídia brasileira, de expor as fragilidades da sociedade brasileira: “Por isso é que a Globo, entre outras coisas, merece a rejeição que estão sofrendo na própria calçada”.

As falas de Jabor transformam-se em uma terceira fala, fruto da edição irônica feita pelo programa *bajada de línea*. A exposição é feita de frase a frase, ora do primeiro discurso, ora do segundo, ou conforme a denominação do programa: “te digo uma coisa”, na primeira fala. “Te digo a outra”, na segunda fala. Esse confronto evidencia a mudança de opinião, monta um texto

As primeiras manifestações foram desconsideradas pela grande mídia, até que a efervescência dos movimentos e as grandes proporções de pessoas nas ruas levam a mídia a prestar atenção e dar outro tratamento à temática.

paradoxal e conflituoso. A ironia está na base dessa formação e tem um objetivo estritamente crítico.

O locutor da TV argentina começa seu comentário, depois da exposição do quadro com a seguinte pergunta: “Pode-se acreditar? E, com uma fala muito reticente, procura explicar seu espanto: O Brasil é sempre citado pela mídia na Argentina como exemplo a seguir, principalmente nas questões sociais e econômicas, no entanto a grande mídia apresenta problemas como os enfrentados pela Argentina. O locutor diz ter “neste país (o Brasil), nesta presidenta (Dilma Roussef), como antes em Lula, um aliado muito importante para o governo argentino”.

Arnaldo Jabor é chamado de “o senhor que opina na Globo”, ou “o homem que soube mudar”. Em nenhum momento aparece nome, sobrenome ou qualquer referência ao comentarista da Rede Globo, mas o locutor faz questão de frisar que as cenas que compõem o vídeo foram editadas especialmente para a produção daquele programa: “Nós gostaríamos de apresentar-lhes algo sobre as mudanças do senhor que opina na Globo: o que disse primeiro e o que sinalizou 48 horas depois, mas produzido por nós, para que se tenha uma ideia de como o homem soube mudar”.

A crítica à Rede Globo é reforçada com a apresentação de cenas em que os repórteres da Globo são vaiados pelos manifestantes e até impedidos de realizarem suas reportagens. Com as legendas: “A hipocrisia dos meios” e. “Manifestantes expulsam Caco Barcellos, jornalista estrela da Rede Globo”, o programa mostra primeiro Marcelo Cosme, tentando fazer a cobertura das manifestações na marquise do Congresso Nacional e é impedido pelos gritos de: “Globo fascista. Sen-sa-cio-na-lis-ta”. Em outras cenas, Caco Barcellos é o alvo das vaias e gritos de “Abaixo a Rede Globo” e “O povo não é bobo, abaixo a Rede Globo”.

O locutor da TV argentina avalia as cenas com ironia e uma certa satisfação. Primeiro, conta ao público que o reporter pedia para sair do ar: “Voltem ao estúdio, por favor” – gritavam desesperadamente. “Saíam daí”. Segundo ele “as pessoas se deram conta que a Globo mente”. Mas, reconhece que o fato de a mídia escolher o que dizer e o que mostrar não é exclusividade da Rede Globo ou do Brasil e termina seu programa dizendo: “Eles (os

brasileiros) têm um evidente mal-estar, a mídia com a democracia. Mas o povo também tem um mal-estar pela mídia dominante de nossa América latina e seu grande capitão internacional que é a CNN”.

Conclusões

A partir do desenvolvimento desta pesquisa, concluímos que os processos comunicacionais modificaram suas estruturas de linguagem e, principalmente, suas hierarquias. A narrativa transmídia nasce de uma necessidade participativa da sociedade, e essa condição de participação realmente tem ocorrido. Por essa razão, tanto os processos de construção de conteúdos comunicacionais como os caminhos de circulação desses conteúdos (e suas reconstruções) surgem de maneira ampla e participativa, por redes sociais e por dispositivos móveis, como ocorreu na produção de parte do material de vídeo editado pelo Canal 9. Essa condição de participação está presente em todos os momentos do protesto e também define a linguagem utilizada pelo Canal 9, com a adoção de um *comic* como parte da reportagem. Esse cenário sustenta o que Levinson (2012) defende ao declarar que vivemos em uma sociedade com “novos novos meios” conformada por “novos novos cidadãos”.

Esse processo vivido pelos brasileiros no mês de junho também apresenta novos cidadãos que constroem seus processos de mobilização de maneira aberta e independente dos meios de comunicação. Trata-se do que Renó (2013) define como “desgovernabilidade transmídia”, tomando como referência uma necessária releitura da ideia de governabilidade proposta por Foucault, agora com a possibilidade de reconstrução midiática pelos e para os cidadãos, definidos por Gillmor (2005) como seres-meio. Isso é o que ocorreu nos protestos, com as mobilizações por redes sociais e uma transmissão midiática paralela produzida por esses atores em suas redes sociais. Essa transmissão paralela provocou, inclusive, um debate amplo sobre o papel dos meios de comunicação tradicionais em eventos populares de tal maneira que provavelmente esses oligopólios tiveram suas estruturas irreversivelmente abaladas.

No campo do discurso, Jabor que inicialmente mostra um *ethos* de justiceiro com sua fala enfática e decidida, rapidamente passa a apresentar um *ethos* de arrependimento, mas

que não deixa de ter seu status como formador de opinião, justamente pelo nobre gesto de reconhecer seu erro. Enquanto que o Canal 9 não perdeu a oportunidade de criticar a Globo e revelar suas incoerências, com irreverência e ironia, ridicularizando a postura do colunista e mostrando imagens de manifestações contra a Rede Globo para reforçar as críticas realizadas.

Uma coisa é certa, e essa investigação não somente aponta para isso, como também sustenta e consolida essa realidade para futuros estudos: os meios de comunicação tradicionais

não serão os mesmos, e nem o poder persuasivo de seus discursos. Surge a necessidade de uma autorregulamentação por parte dos meios, pois a sociedade não é mais ingênua no campo da comunicação, e nem apática. Ao mesmo tempo, os processos midiáticos seguem por caminhos diversos, “desgovernados” no sentido da ausência de um poder único, e os “novos novos cidadãos” assumem um papel de protagonismo com força persuasiva. Como dizia uma campanha circulada pelas redes sociais durante os protestos: “A revolução não será televisionada: ela será filmada por você”.¹²

Bibliografía

- Bauman, Zygmunt (2001). *Modernidade líquida*. São Paulo. Jorge Zahar Editores.
- Becker, Maria Lucia (2013). *Redes Sociais, Imprensa e esfera pública*. Observatório da Imprensa. 25.06.2013 (http://observatoriodaimprensa.com.br/news/view/_ed752_redes_sociais_imprensa_e_esfera_publica) (consulta: 03-07-2013).
- Bucci, Eugenio (2013). *Aliens, Zumbis, Manifestantes e Vândalos*. Observatório da Imprensa. 22.06.2013. (http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/aliens_zumbis_manifestantes_e_vandalos) (consulta: 03-07-2013).
- Cotarelo, Ramón (2010). *La política en la era de Internet*. Valencia. Tirant lo blanch.
- Castells, Manuel (1999). *A sociedade em rede*. São Paulo. Paz e Terra.
- Charaudeau, Patrick (2003). *El Discurso de la información – La construcción del espejo social*. Barcelona. Gedisa Editorial.
- Cunha, Magali (2013). *Lições de um junho que ainda não acabou*. (<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/521682-liceos-de-um-junho-que-ainda-nao-acabou>) (consulta: 08-07-2013).
- Ducrot, Oswald (1981). *Provar e dizer – leis lógicas e leis argumentativas*. São Paulo. Global editora.
- Gadet, Françoise e Hak, Tony (1997). *Por uma análise automática do discurso: Uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas. Editora da UNICAMP.
- Gillmor, Dan (2005). *Nós, os mídia*. Lisboa. Editorial Presença.
- Gonçalves, Elizabeth Moraes (2012). *Comunicação e Linguagem – a construção dos discursos nas organizações contemporâneas*. En Galindo, Daniel (ed.). *Comunicação Institucional & Mercadológica* (pp.13-29). São Bernardo do Campo. Editora Metodista.
- Levinson, Paul (2012). *New new media*. Nova Iorque. Pinguim.
- Maingueneau, Dominique (2005). *Ethos, cenografia, incorporação*. Em Amossy, Ruth (ed.) *Imagens de si no Discurso*. São Paulo. Contexto.
- Marques de Melo, José (1985). *A opinião no jornalismo brasileiro*. Petrópolis. Vozes.
- Orlandi, Eni (1993). *As formas do silêncio. No movimento dos sentidos*. Campinas. Ed. Unicamp.
- Pêcheux, Michel (1975). *Análise do Discurso*. Paris. Larousse.
- Pêcheux, Michel (2010). *Análise automática do discurso (AAD-69)*. En Gadet, Françoise e Hak, Tony (Ed.). *Por uma análise automática do discurso: Uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas. Editora da UNICAMP. Cuarta Edición.
- Renó, Denis (2013). *Narrativa transmídia e a “desgovernabilidade” jornalística em Privataria Tucana*. *Comunicação & Sociedade*, vol. 34, n.o 2, 121-140.
- Renó, Denis y Flores, Jesús (2012). *Periodismo transmedia*. Madrid. Fragua editorial.
- Rheingold, Howard (2004). *Multitudes Inteligentes – la próxima revolución social*. Barcelona. Editorial Gedisa.
- Scolari, Carlos (2013). *Narrativas transmedia*. Madrid. Deusto.